

Quando chegou sua vez de desembarcar, ele se despediu de vovó, agradecendo, e se desculpou com as outras senhoras por ter incomodado.

Não demorou e o homem que vendia revistas parou ao nosso lado e entregou duas ou três para minha avó.

— Obrigada, não vou querer — disse ela.

— São suas. Aquele homem do charuto mandou entregar.



Estávamos chegando. A locomotiva avançou demais e os primeiros carros pararam fora da plataforma. Mas o nosso ficou bem em frente à saída da estação.

Num instante saímos para a rua e vovó chamou um táxi. Seu Olavo da farmácia também havia desembarcado e vinha correndo, afobado, à procura de condução.

Imediatamente eu me lembrei daquela história do coelho e da tartaruga que apostaram uma corrida. Ele, na certeza de ganhar, inventou de dormir no meio do percurso; ela, no seu passinho lerdo, não desanimou, não parou nem uma vez e acabou chegando na frente. Achei seu Olavo com muito jeito de coelho desapontado. Mas vovó não parece tartaruga, nem um pouco.

Vendo seu Olavo meio perdido, vovó perguntou se ele queria uma carona dizendo que não custava nada a gente passar primeiro na casa dos parentes dele. Seu coelho, digo, seu Olavo ia aceitando, contente, quando viu o filho, que o esperava. Despediu-se e foi embora, ligeirinho, parecendo mais do que nunca um coelho, novamente esperto.

Um homem barbudo, de roupa e chapéu muito surrados, parou perto de nós e pediu “um auxílio”. Vovó remexeu a bolsa à procura de uma nota. Ela nunca dá uma moeda de pouco valor, às pressas, sem olhar para o pedinte. Dá uma esmola boa (“para eles irem para casa mais cedo”, explicava), olha a pessoa com bondade e sempre deseja “boa sorte”.